

Debate

Debate

Paulo Margutti & José Crisóstomo de Souza sobre o artigo “Nota sobre linguagem e realidade, práticas e coisas”

*Paulo Margutti & José Crisóstomo de Souza
on the article*

“Note on language and reality, practices and things”

Paulo Margutti Pinto

Faculdade Jesuíta (FAJE) – Brasil
pmargutti290@gmail.com

José Crisóstomo de Souza

Universidade Federal da Bahia – UFBA – Brasil
jose_crisostomo@uol.com.br

Resumo: Paulo Margutti e José Crisóstomo discutem sobre a possibilidade ou a impossibilidade de ultrapassar o representacionismo correspondentista e principalmente o eventual linguocentrismo da filosofia contemporânea, pós-virada linguística, em que parece que da linguagem pode-se passar apenas à linguagem, a cujo círculo mágico estaríamos, desse modo, inevitavelmente presos. Sendo assim, o mundo “aí fora” novamente nos escapa e o relativismo, o agnosticismo e o ceticismo de novo nos espreitam. Em Nietzsche, é a linguagem, sempre metafórica, que se adéqua aos nossos modos prático-perspectivistas, corpóreos e afetivos, de “recortar” o mundo, ou é o contrário? E em Maturana, o que vem primeiro? Para Crisóstomo, para quem no começo está o ato, ultrapassamos tudo isso através de nosso emaranhamento prático com o mundo, por meio da natureza sensível criativa de nossas práticas e pela tradução de crenças em condutas. Enquanto que, para Margutti, nada disso parece deslocar a primazia incontornável da linguagem, como prática ela própria. Sobre isso, Margutti pergunta pelo suposto aproveitamento, por Crisóstomo, no seu ponto de vista prático-poiético criativo, em versão alegadamente não idealista nem dualista, da noção de autoconsciência, central no idealismo alemão.

Palavras-chave: Autoconsciência. Linguocentrismo. Prática sensível. Representacionismo.

Abstract: *Paulo Margutti and José Crisóstomo debate the possibility or impossibility of surpassing correspondentist representationalism, and particularly the alleged linguocentrism of contemporary, post linguistic turn, philosophy, for which, as it seems, we can only move from language to language, in whose magic circle we are unavoidably shut. That being the case, the world “out there” escapes us again, and relativism, agnosticism and skepticism once again is our lot. In Nietzsche, for instance, is language, always metaphoric, that must reflect our practical-perspective ways, bodily and affective, of “drawing” the world, or just the opposite? What about in Maturana? For Crisóstomo, to whom in the beginning is the deed, we overcome all through our entanglement with the world by means of the sensible creative nature of our practices, and by translating beliefs into behavior. While, for Margutti, on the other hand, none of that displaces the primacy of language, itself a kind of practice and behavior. Beyond all that, Margutti questions Crisóstomo’s use, for his practical-poietic standpoint, in a supposedly non idealist our dualist manner, of the notion of self-consciousness, central to German idealism.*

Keywords: *Linguocentrism. Representationalism. Self-consciousness. Sensible practice.*

MARGUTTI: *Você diz no seu texto que defende um não-representacionismo. Mas, não seria a sua perspectiva sobre linguagem e realidade também uma forma de representação? É possível formular uma hipótese filosófica sem que ela seja considerada uma forma de representação do mundo? Estou devolvendo aqui a pergunta que você me fez durante o Colóquio Pensadores Brasileiros (FAJE, BH, 06/2018).*

CRISÓSTOMO: Não, à sua primeira pergunta; sim, à sua segunda. A noção de representação está, em geral, associada ao cartesianismo e ao empirismo mentalista, dito dogmático. Associada à concepção correspondentista de verdade e conhecimento como imagem mental, pictórica, especular, de uma suposta realidade em si, imagem de certo modo situada entre nós e ela, a realidade exterior. Associada à ideia de espelhamento de uma realidade inteiramente objetiva, pela mente ou pela linguagem, pedacinho por pedacinho, à qual realidade só por essa via teríamos, ou não teríamos, acesso. Para mim, conhecimento (ou crença) fica melhor entendido de outra forma, nossa relação com o mundo, corpórea, prática, ativa, não sendo primordialmente a que aquela concepção espelhadora, contemplativa e passiva, de conhecimento, pressupõe. Para mim, minha “perspectiva” ou “hipótese” (inclusive a mais abrangente, que chamo de materialismo prático-poietico), como qualquer outro pedaço menor de conhecimento, de representação (!), ou de crença, tem valor antes de mais nada instrumental, operacional. Deve ser entendida mais bem como *know-how*, e mais prospectiva do que retrospectivamente orientada. Trata-se de codificações, propostas, apostas, antecipações de conduta, que valem por sua eventual aptidão, revelada na prática, para nos orientar satisfatoriamente sobre como lidar com o mundo – nascem dessa lida e a ela retornam. O que

não necessariamente significa torpedear todo uso do termo (ou metáfora) “representação” no nosso vocabulário sobre conhecimento. Ao contrário de alguns wittgensteinianos, acho que uma ideia de *referência* ao mundo – não-hard, mas prática, orientada por propósitos – sempre cabe. Por fim, meu questionamento à *sua* perspectiva ou hipótese, nas discussões do Colóquio da FAJE, pretendeu ter outro alcance porque, no seu caso, pareceu-me que o que você diz mais genericamente sobre como as coisas se passam no conhecimento e na ação, no atacado, não se explicaria bem como apenas mais um caso dessa mesma forma básica, que creio você pretende geral, de conhecimento e interação com o mundo, no varejo. Mas, como no Colóquio tratou-se de uma apresentação muito rápida, do seu pensamento, posso bem-estar enganado.

MARGUTI: *Você pretende libertar-se do que chama de linguocentrismo, mas para isso está usando a linguagem. Nas suas palavras: “No começo estaria a prática geral de pôr no mundo a infinidade de coisas que antes não havia nele, e, portanto, de um jeito ou de outro, a prática de significar, de criar e de incorporar a novos usos e condutas tudo quanto é posto, compondo um verdadeiro sistema e processo de práticas, relações sociais e coisas. Dessa atividade prática e desse todo prático dinâmico é que a linguagem faz parte, como mais um tipo de artefato e mais uma prática. E nós próprios, com nossa subjetividade assim engendrada, também fazemos.” Até para colocar a linguagem no seu devido lugar, você está usando a linguagem. Até mesmo quando você afirma que é preciso levar em conta as coisas mesmas, está ainda usando a linguagem. Não haveria um linguocentrismo implícito nas suas colocações?*

CRISÓSTOMO: Para mim, não. Sei que você não imagina que me escape que o que quer que eu diga, todas as minhas posições, opiniões, falas ou textos, sobre linguagem ou qualquer outra coisa, são linguagem. Nem seria por desconhecer isso que a filosofia por épocas inteiras *não* definiu seu assunto com essencialmente linguagem, nem se entendeu nem foi entendida, diferente de agora, como resultado de uma *virada* (nem haveria, sendo assim, por que usar tal palavra) *linguística*, etc. etc. Então, o linguocentrismo deve ser necessariamente outra coisa. Compreende essencialmente a filosofia pós-*virada linguística*, em última análise um simples desenvolvimento do empirismo lógico e do estruturalismo, apresentado como uma grande novidade, tão radical que poderia implicar numa prática filosófica absolutamente nova, senão mesmo num desafio à própria possibilidade de seu exercício. Vejamos se, na sequência de nosso diálogo, podemos nos entender melhor sobre o que chamo de linguocentrismo, que me parece envolver – wittgensteiniana ou kuhnianamente – um libertar-se de “uma imagem [ou paradigma] que nos mantém cativos”. Uma imagem mais passível de ser eventualmente deslocada do que de refutada – como, para um historicista como eu, costuma acontecer na história do pensamento. De todo modo, não refutada por uma breve nota sobre linguagem e realidade. Por fim, não creio que eu diria que “é preciso levar em conta as coisas mesmas,” mas levar em conta nosso envolvimento prático-material, social, para mim significador, com elas.

MARGUTTI: *Ao comentar Nietzsche, você afirma: "Nesse quadro, quando chega a hora de falar de criação e artefatos, Nietzsche, por exemplo, trata apenas dos linguísticos, por ele tomados essencialmente como metáforas livres. Mas o certo é que também para ele a linguagem é que é devedora de nosso modo sensível, material, de tomar as coisas, no interior de uma forma de vida, de por essa via (de nossa atividade) recortar a realidade assim ou assado. E não o contrário." Não estaria Nietzsche assumindo inconscientemente o mesmo linguocentrismo que aparentemente estou percebendo em você?*

CRISÓSTOMO: De um modo geral, penso que vários filósofos ditos continentais, do séc. XIX e até do séc. XX, em alguma medida não-cartesianos, não-representacionistas, anti-dualistas, críticos da metafísica (tradicional), e daí contextualistas e históricos, até perspectivistas, em muitos casos sob a influência do darwinismo e de desenvolvimentos pós-positivistas da ciência, oferecem sugestões interessantes de como, ainda assim, não resvalar para o que hoje vejo como linguocentrismo e seus déficits (idealismo, relativismo, ceticismo, etc.). O Nietzsche a que me refiro no texto que estamos discutindo é mais especificamente aquele – anti-intelectualista, não correspondentista, nominalista – do Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral. De fato, nesse ensaio de Nietzsche, a nossa relação (*nota bene*, significadora) com o mundo, no conhecimento, aparece primariamente como aquela "animal", ou como no prolongamento dela, relação de *lidar com* o mundo segundo nossa constituição e lides corpóreas, nossas exigências específicas (*sic*, da espécie), a começar pelas materiais, de sobrevivência e fantasia. Tal e qual faz, por exemplo, Nietzsche diz: uma mosca – que sabemos não é exatamente uma usuária da linguagem. Então a linguagem, aí, em Nietzsche, parece-me aparecer como devedora ou caudatária desse modo, de saída não verbal, tampouco correspondentista, mas prático, humano, sensível, de tomar as coisas instrumentalmente, pelo uso, *como* isso ou aquilo, e de assim recortar o mundo, relacionar-se com ele, praticamente, utilitariamente. Para Nietzsche, ao contrário do que pensavam Platão ou Descartes, essa seria a verdadeira operação do intelecto, simplesmente humano demasiado humano, que ele põe no mesmo nível que os atributos ou recursos práticos, de sobrevivência, de outras espécies, como chifres e garras.

MARGUTTI: *Ainda com relação ao mesmo problema das questões anteriores, você afirma: "Para além de uma filosofia apenas da linguagem, linguocêntrica, seja de procedência mais analítica ou mais hermenêutica, proponho uma que dê atenção mais efetiva a práticas enquanto articuladas ao mundo e às coisas (estas como parte daquelas), daí a contexto material e formas de vida (estas como agregados ou sistema de práticas, também produtivas, e de coisas nelas envolvidas), a formações socioculturais, e à cultura enquanto também material, isto é, a nós enquanto no mundo." Gostaria de saber como isso seria possível sem que a linguagem continuasse a ocupar uma posição privilegiada na sua explicação.*

CRISÓSTOMO: Se, não a linguagem e seu uso, mas o que chamo de linguocentrismo, de gente como Wittgenstein, Richard Rorty, Derrida, mais crítico-continentais, pós-modernos, relativistas, da virada linguística, não diminuí em nada uma atenção

maior a práticas e ao mundo enquanto em alguma medida materiais/sensíveis, objetuais, então quero me filiar integralmente a ele (linguocentrismo) e ser seu maior pregador. Embora não seja isso o que vejo nos discursos, principalmente na filosofia e nas humanas, inspirados naqueles autores, nesse nosso país de “bacharéis e “críticos” de pouco ou nenhum senso prático e envolvimento mundano, para os quais, facilmente, não existem fatos mas só interpretações, não existem condições materiais mas apenas discursos e condições linguísticas – e morais. É claro que em qualquer explicação, a linguagem tem uma “posição privilegiada” – se não há linguagem, e linguagem verbal, não há como qualquer tentativa de explicação ir muito longe. Do mesmo modo, porém, que, como me parece, se não houvesse ação e cooperação social não haveria linguagem, nem ela seria entendida. Creio que ela, a linguagem (verbal) é, em primeiro lugar, isso, um quase onipresente recurso de coordenação de ação, uma coordenação que entre nós humanos vai por isso muito mais longe do que em qualquer outra espécie animal. Muito mais longe do que mesmo entre as abelhas, que, consta, têm seus códigos de comunicação, como também os têm várias outras espécies cujos indivíduos de algum modo coordenam suas ações – sem linguagem, verbal, proposicional, pelo menos

A linguagem é uma prática que participa de nossas práticas de lidar com o mundo que, essas, põem-nos em contato com ele, uma prática a vários títulos superveniente a elas e balizada por elas. A linguagem está colada ao nosso ser social e cooperativo, tanto quanto ao nosso ser sensível, no mundo, como um tremendo recurso potenciador. Não vejo por que não lhe conceder, entre os seres humanos, que a têm como um *plus*, esse e mais outros tantos privilégios, e não conheço quem não esteja disposto a isso. Não é preciso abraçar nenhum linguocentrismo ou virada linguística para tanto, aí sim com decorrentes consequências antirrealistas, digamos anti-ontológicas, até relativistas, lá para as tantas, do mesmo modo que no velho cartesianismo ou mentalismo, consequências agnósticas ou simplesmente céticas. Dizer que o mundo nos é simplesmente dado e significado apenas pela linguagem verbal, ou como pela representação mental, sem que aí intervenham praticamente nossa corporeidade e a materialidade do mundo, é inteiramente outra história. Não só a minha, há várias outras posições filosóficas, digamos, não representacionistas, as chamadas “teorias do contato” (com o mundo), que vêm as coisas de outro modo, frequentemente nisso invocando nossa corporeidade e seu papel na nossa relação, mesmo cognitiva, com o mundo, e o caráter *embedded*, além de contextual, da significação. Logo nós, brasileiros, haveríamos de nos perder em pontos de vista menos corpóreos, menos acolhedores do sensível, mais ascéticos, mais abstratos? Logo nós, herdeiros de Oswald de Andrade e Gilberto Freyre, que temos um país por construir em sentido literal, material, mesmo? Até Heidegger, por toda celebração que propõe para a linguagem, trata de escapar daqueles déficits, com sua concepção de usualidade (*Zubandenheit*)! Mas, depois de tudo isso, posso simplesmente traduzir minha “tese” por algo como “Entende-se melhor o que é nadar entrando e agitando-se numa piscina ceia d’água do que lendo um manual de natação de 600 páginas à sua beira.” Não só, fazendo isso finalmente se entende bem – e só assim se entende, para todos os efeitos práticos – as próprias palavras do que está dito no manual que ser lê. Numa cultura escolástico-bacharelesca, verbosa-oça, como a nossa, pra mim, basta; esse é o cerne da minha “ênfase”.

MARGUTTI: *Você afirma: "No nosso caso, acrescidos do que os filósofos alemães da atividade chamavam, em termos idealistas, de autoconsciência, que implica intencionalidade, auto-atividade, liberdade. Noção passível de uma tradução não idealista, não mentalista, embora sobre isso não nos possamos estender aqui." Gostaria de saber em que consiste essa tradução não idealista e não mentalista. Se você tiver algum texto a respeito, me indique.*

CRISÓSTOMO: Essa é mais uma excelente questão. Quanto a autoconsciência (algo como uma *autoria*), no meu paradigma, começo pela introdução de uma ideia que chamo de *intencionalidade sensível*, uma intencionalidade básica e natural, que compartilhamos com os seres vivos semoventes, desde amebas a antropóides. É a disposição de nos dirigirmos prático-sensivelmente ao mundo e às coisas, de tomá-las praticamente como isso ou aquilo, algo que, por sinal, não depende originariamente (pelo menos entre as amebas e castores) do que convencionalmente chamamos de linguagem. E, logo, a capacidade, essa já mais especificamente nossa, de "autoralmente" *fazê-las* (às coisas), e de saber-se delas autores, segundo nossos propósitos ou necessidades, imaginação e fantasia, o que envolveria mais ainda uma ideia de auto-atividade (subjativa), de *causa sui*. No nosso caso, isso envolve ainda por cima desenvolvimentos relacionais, materiais-sociais (homem-mundo) e sociais-sociais (homem-homem), inseparáveis, produtivos e objetuais, mais ou menos como os descritos por Hegel na famosa dialética de Senhorio e Servidão. Até certo ponto também descritos por Marx, nele de forma tremendamente reducionista, comunista (pois, lamentavelmente, ele associa *self-consciousness* (ou *Selbstbewusstsein*) a *selfish-ness* (ego-ísmo), logo a algo que deve ser suprimido por seu materialismo comunista, anti-subjetivista, com cara de século XVIII. No meu caso, porém, pelo que já mostrei, isso é proposto desde uma perspectiva que talvez se possa chamar de biológica e social, emergentista e histórica – darwiniana-hegeliana se se quiser. Desde uma compreensão não-dualista (espírito *vs* natureza) de autoconsciência ou subjetividade humana, que, aproveito para dizer, tampouco associo em primeiro lugar a negatividade, mas a afirmatividade, corporeidade, espontaneidade, contingência e criação – mas aqui começaríamos outra história.

MARGUTTI: *Você não aceita que a linguagem venha antes do mundo e parece defender a ideia de que ela vem junto com o mundo. Se, porém, ela vem junto, de tal modo que a conduta animal é essencialmente intencional e significadora, isso não diminuiria a força de seu ataque contra o linguocentrismo? Aproveito para lembrar aqui o caso do modelo autopoietico de Humberto Maturana, que não aceita a ideia de uma fase pré-linguística, considerando que a ação do ser vivo no mundo já é de caráter linguístico desde o início. Não me parece correto afirmar que, no caso dos seres humanos, há práticas sensíveis e não linguísticas. Linguagem e mundo são dados ao mesmo tempo e estão em interação mútua, o que parece excluir qualquer prioridade de um sobre o outro.*

CRISÓSTOMO: Bom, na narrativa do cristianismo, no começo era o verbo; a natureza e o mundo vêm depois, vêm do nada, não sei se essa é sua preferência. Numa perspectiva darwiniana ou goetheana ("no começo está o ato"), que é a minha, seria

o contrário. Em todo caso, não brigo por concepções que representem as coisas em alguma última instância – como *realmente* seriam, com a completa exclusão de outras concepções, sem convivência e sem experimentação, sem pluralismo e ecumenismo, nem brigo sobre o que venha *absolutamente* antes ou depois do que quer que seja. Avalio qualquer concepção por seus propósitos e consequências práticas. Brigo apenas por concepções, razoáveis, defensáveis, plausíveis, enquanto mais e menos úteis e interessantes para nosso tempo, para certos propósitos, práticas e contextos. Tudo que digo está no nível, digamos, de palpites, mesmo que um tanto elaborados, que dialogam com os palpites que povoam as discussões relevantes de uma sociedade ou cultura – pois para mim, você sabe, isso é que é filosofia, como coisa civil. Apenas fui formado e sou pago para fazer isso de forma mais elaborada, com vocabulários mais caprichados, com o conhecimento de mais alternativas e em diálogo com elas, com a exploração de eventuais pressupostos e consequências envolvidos, coisas desse tipo. Mas, de fato, tendo a achar que onto- e filogeneticamente, biológica e historicamente, se se quiser, darwinianamente, pode-se razoavelmente alegar que conduta, e até conduta inteligente, e mesmo, quem sabe, uma limitada cooperação social, vieram antes de linguagem – verbal pelo menos – tanto no desenvolvimento da espécie como do indivíduo, embora logo em seguida as duas coisas se apresentem de modo bastante embolado. *Para mim* isso chega a parecer óbvio.

Mas não vejo por que, especialmente num nível humano, social, não das ciências da natureza, bater-me por uma rigorosa, pouco dialética, separação sobre o que vem “antes” e o que vem “depois”, o que seria rigorosa e somente “causa” e o que seria rigorosa e somente “efeito”. Mas, quanto a isso, na sua pergunta, não sei se você não me entende corretamente num ponto: não digo que a linguagem vem junto com a conduta animal intencional e significadora, que então amebas e moluscos, micos e bebês seriam ou começariam como típicos usuários de linguagem. Digo o contrário disso, digo que começam abordando/manipulando o mundo, dirigindo-se praticamente a ele, e, sim, por essa via, já significando-o, não-linguisticamente. Dito isso, porém, hoje em dia, e com respeito à imensa maioria ou se você quiser até totalidade dos casos humanos, acho ocioso empenhar-se em desdizer que linguagem e conduta não linguísticas, ou linguagem e mundo, não se dão ao mesmo tempo. Até porque mundo não é termo que possa ter qualquer significado razoável e interessante se não significar já mundo humano, de pessoas, artefatos, instituições, também de *linguagem, termos e discursos*. Os quais para mim podem todos ser considerados artefatos e/ou objetivações humanas, carregados de significado, de implicações simbólicas, estéticas e o que você mais queira. Ou, pergunto, haveríamos de achar que mundo é natureza e que gente como você e eu, e mais ainda o que homens mais práticos fazem, como cidades e automóveis e mais coisas ao mesmo tempo materiais-sensíveis e espirituais-mentais – logo, históricas – não fazem/fazemos parte necessária dele? Por fim, se Maturana quer chamar a ação de bananeiras, amebas e planárias, castores e abelhas, Leonardo Da Vinci e mais engenheiros, Santos Dumont e Steve Jobs, de eminentemente linguística, acho curioso, mas está bom para mim. Esses “bichos” são exatamente a companhia que eu (diferente dos humanistas) procuro para nós seres humanos, numa continuidade que eu e Arthur Clarke (2001, *Uma Odisseia no Espaço*) concebemos, entre o primeiro uso de um osso como artefato, uma borduna, aparentemente sem muita

linguagem, e o lançamento de uma estação espacial rumo a Júpiter e além, pilotada por um computador.

MARGUTTI: *Você afirma que o significado de uma crença não é outra crença, mas uma conduta, de tal modo que a expressão linguística vem depois da conduta. Mas e se a linguagem já for por si mesma uma conduta, como de fato parece ser? Nesse caso, conduta e linguagem ocorrem ao mesmo tempo. A introdução de um novo artefato humano na prática social não é anterior à linguagem sobre esse novo artefato, mas ocorre juntamente com a linguagem, de tal modo que ambos decorrem de uma interação que não envolve a precedência efetiva da conduta sobre a linguagem. Penso inclusive que você contradiz sua posição quando afirma: "Do mesmo modo que seria um contrassenso negligenciar que a introdução de artefatos no mundo possa ajudar e ser ajudada por mudanças nesta última, na linguagem". Se a introdução de um artefato ajuda a mudar a linguagem e se uma mudança na linguagem ajuda a introduzir um artefato, não parece haver precedência de um sobre o outro.*

CRISÓSTOMO: Eu não diria propriamente que o significado de uma crença é outra crença, não encontro uma tradução satisfatória para isso. Mas diria que a justificação de uma crença pode ser em primeiro lugar outra crença – se é isso que você quer dizer – e não qualquer fato bruto, material, sensível. Pois creio que em certa medida posso me dizer holista e coerentista nessa questão (de verdade e justificação). Por outro lado, sim, estou inclinado a afirmar, pelo menos para muitos casos, que o conteúdo/significado de uma crença é um hábito ou disposição de ação, é a conduta (bem-sucedida) que lhe corresponda. Uma tese que não é propriamente minha, mas de Alexander Bain, um notável filósofo progressista, amigo de outro, Stuart Mill. E acho que frequentemente a expressão linguística vem antes da conduta. Apenas especulei, como você registra corretamente que fiz, que se possa também dizer, ao inverso, que uma conduta é ou expressa uma crença, cuja formulação linguística possa então ser enunciada em seguida, ou até jamais (especialmente no caso de crenças de animais não usuários de linguagem, mas também mesmo de homens). Kant sugere que, na avaliação moral de uma conduta, procuremos reflexivamente encontrar a crença (a máxima) que lhe corresponda, o que pode não ser tão diferente do que digo.

Com tudo isso, não vejo nenhum problema em afirmar o que você apenas levanta como questão, como me envolvendo em contradição, que linguagem também é comportamento e conduta. Uma conduta *verbal*, uma declaração, não pode suceder uma conduta *física* (corpórea, prático corpórea, prático-sensível) apenas por que ambas são condutas? O que você apresenta em seguida como outra contradição minha é a assunção deliberada de que as coisas podem dar-se de um jeito, mas também de outro. Isso tampouco implica que não possa haver precedência de qualquer uma das duas coisas (o artefato ou seu uso, e as formulações verbais que o acompanhem) com relação à outra. A introdução do computador, no nosso mundo, foi seguida pelo desenvolvimento de todo um vocabulário (ou comportamento verbal) novo sobre seu uso, mas foi também precedida por muitas das crenças e aptidões verbais de que seu uso se valeria depois. O uso da pílula

contraceptiva criou toda uma nova moral, mas possivelmente não se daria sem sua “preparação” pela mudança de outras tantas crenças.

* * *

Para uma discussão mais extensa, e, espero, mais esclarecedora, do que vejo como problemático no que caracterizo como *linguocentrismo* (não tão diferente de logocentrismo) – que foi a questão central nessa nossa discussão –, e para uma melhor exposição do que concebo como alternativa a ele, sugiro a leitura de meu artigo *O mundo bem nosso: anti-representacionismo poético-pragmático, não linguístico* (*Cognitio*: revista de filosofia, v. 16, n. 2, jul./dez., p. 335-360, 2015). O título quer dar a entender, até foneticamente, como seu *Leitmotiv*, uma alusão e uma contraposição ao texto de Richard Rorty, *The world well lost* (*The Journal of Philosophy*, v. 69, n. 19, p.649-665, 1972), que, a partir de desenvolvimentos linguificantes, hermenêuticos, anti-dogmáticos, anti-fundacionistas, anti-realismo dogmático, da filosofia analítica e pós-analítica, pretende dar o mundo por perdido (também nossas práticas materiais) enquanto relevante para a validação nossas crenças. É basicamente a essa conclusão relativista que desejo me contrapor, por uma variante de realismo prático material, não positivista, não fisicalista, não cartesianamente representacionista. Por uma particular “teoria” de contato, aquela de nosso emaranhamento prático-produtivo, sensível, material, com o mundo. Sem precisar para isso recair num realismo convencional metafísico, empirista dogmático, mas, ao contrário, promovendo uma concepção para mim mais elaborada e promissora de um não-fundacionismo, não-representacionismo, de um ponto de vista ativista, prático, do agente, agora, como precisamos, como sensível, criador, fazedor. Uma concepção não por isso menos social, histórica, contextualista – no caso, ademais, uma concepção, espero, prática, democrática, desenvolvimentista de tipo inteiramente novo, modernista, anticolonial, nacional. Que, a propósito, tem também o alcance de uma crítica radical e reconstrucionista de Marx, uma recuperação e desenvolvimento, desessencializantes e dessubstancializantes do que a partir dele pode ser extraído e desenvolvido como um *materialismo prático*. Sobre tudo isso, em versão mais recente e condensadíssima, ver também meu Por um Ponto de Vista Prático-Poiético, Produtivo (Coluna Anpof, 27/09/18). São elaborações que se têm melhor desenvolvido, e espero possam seguir-se desenvolvendo, no debate com colegas generosos, competentes, questionadores argutos, como Paulo Margutti Pinto.

Recebido em: 28-11-2018

Aprovado em: 22-01-2019